

Divulgação de conhecimento científico

CESAR TIMO-IARIA

Laboratório de Neurocirurgia Funcional LIM.45 Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo

A divulgação de conhecimento científico não é uma atividade recente, como se pensa, pois iniciou-se cerca de cinco mil anos atrás, na antiga Suméria. Os sumérios, povo antiquíssimo que se fixou na Mesopotâmia meridional (Oriente Médio) e lá fundou várias cidades, dentre as quais se destacava Ur, considerada o mais antigo agrupamento humano com aspecto do que hoje chamamos “cidade”, também inventaram a escrita, da qual se originaria mais tarde a escrita cuneiforme adotada por assírios e babilônios, talvez descendentes dos sumérios. Descobriram-se na biblioteca de Nínive, antiga capital assíria de Assurbanipal, cerca de 20 mil ladrilhos de argila que contêm o primeiro texto, com aspecto de dicionário, em que se descrevem conhecimentos astronômicos, médicos, matemáticos, históricos e jurídicos. Mais tarde, egípcios, assírios, babilônios, fenícios, hebreus e habitantes de várias outras comunidades do Mediterrâneo, culminando com os gregos e os romanos, escreveram livros em que se descrevem observações e até experimentos originais. Entre os povos mais antigos, a divulgação de conhecimento dirigia-se apenas aos sacerdotes, únicos autorizados a saber. Há cerca de 2.500 anos, os gregos inventaram o modo de divulgação de conhecimento sob a forma de livros, que podiam ser copiados e disseminados. A maioria de tais livros foi relegada ao limbo pelos intelectuais cristãos até cerca do século 10, quando os árabes da Espanha (na Idade Média, a civilização mais avançada do mundo ocidental) os resgataram ao traduzi-los para o latim e para o árabe, evitando que se perdessem para sempre.

A invenção da imprensa, primeiro na China, há cerca de dois mil anos, e no século 15, na Europa, criada em Estrasburgo, por Gutenberg, foi o passo decisivo para a divulgação ilimitada do conhecimento. Em 1590, fundou-se, em Roma, a primeira Academia, a “Accademia dei Lincei”, na qual se divulgavam descobertas científicas em demonstrações públicas. Em meados do século seguinte, criaram-se as Academias de Ciências de Paris, de Londres, de Florença (“Accademia del Cimento”) e de Schweinfurth, nas quais foram mostradas originalmente grandes descobertas da ciência e foram demonstrados cruciais inventos. As academias européias desempenhavam, portanto, relevante função para o desenvolvimento científico e a ilustração dos povos dos respectivos países. Algumas delas pagavam os acadêmicos para fazer pesquisa e realizar demonstrações em sessões públicas muito concorridas, quase como apresentações teatrais. Os

congressos foram criados no século passado para ampliar o trabalho das academias, porém continuando sua função primordial de executar demonstrações práticas de experimentos. Essa função, atualmente, cessou e os congressos são, sobretudo, mais eventos sociais para que os pesquisadores e cientistas se conheçam.

No século passado, a principal fonte de conhecimento científico eram os livros escritos pelos cientistas, embora já existissem muitas revistas especializadas. Em nossos tempos, infelizmente, os livros foram relegados a terceiro plano, sobrepujados pelas revistas e, ultimamente, pela Internet e congêneres. Os livros podiam ser mais profundos e possibilitavam a exposição criativa de idéias. A atual plethora de revistas tornou a publicar o principal objetivo da investigação científica, substituindo o objetivo maior, que é descobrir a estrutura e o funcionamento de tudo o que há no Universo. Ademais, a elaboração de idéias avançadas é hoje rigidamente coibida. Bem apropriadamente, P. A. Lawrence (Cambridge University) e M. Locke (University of Western Ontario), em publicação recente na revista *Nature*, afirmam: “Our style has degenerated down to a coded and non personal language that leaves in the dark the authors character and dissimulates their ideas”. Tão grave quanto isso, a avaliação do conhecimento recém-criado faz-se presentemente menos pela qualidade da pesquisa que por índices criados pelas editoras e acatados ingenuamente pelas instituições financiadoras de pesquisa. A divulgação para os leigos, que poderia ser a mais nobre e útil função dos meios de comunicação de nossos dias, foi transformada por estes em uma reles atividade de exploração do sensacional sem compromisso com a verdade.

É difícil, quase impossível, prever como evoluirá a divulgação de conhecimento nos próximos 100 anos. Acredita-se que a comunicação impressa nunca será substituída pelos meios eletrônicos; um livro, costuma-se dizer, pode ser levado para a cama e para o banheiro. Esse argumento é débil, pois já é possível a criação de computadores diminutos, facilmente instaláveis na cama e no banheiro, e é muito fácil *imprimir o que aparece na tela em frente. A pior ameaça da divulgação eletrônica é educar para se saber apenas um resumo de tudo e superficializar a profundidade.* É bem conhecido o fato de que, atualmente, a maioria dos artigos originais não é lida integralmente. A aquisição de conhecimento cinge-se a ouvir comunicações em congressos e a ler só resumos, e apenas em casos particulares se lêem os artigos publicados.

Nem mesmo todos os assessores nem os editores de revistas acadêmicas lêem os artigos integralmente; alguns até confessam cinicamente que lêem apenas o resumo e vêem as figuras. O fácil acesso a indexadores eletrônicos tornou a leitura dos resumos a atividade mais importante de aquisição de conhecimento. É de se perguntar, por isso, de que vale o imenso esforço de escrever artigos ricos de informação se eles não são lidos. É nossa opinião que deveríamos ser todos proibi-

dos de publicar mais de dois artigos por ano; com isso, sobriaria espaço em todas as revistas para publicar artigos de mais autores e seria mais acessível ler todos os artigos publicados no campo de saber de cada um. É uma lástima que a transformação da ciência em indústria, comercializada pelas editoras de livros e revistas e néscia ou deslumbradamente aceita pelos pesquisadores e afins, provavelmente não permita que esse progresso ocorra em futuro próximo.